

13-11-2020

EU SOU MARICAS

Lucrecia Bobbit Figueiras

[Enfermeira. Professora aposentada]

Chegando em casa de mais um dos plantões, após todo o longo ritual de cuidados para limpeza e desinfecção dos uniformes, calçados, bolsas, corpo etc., rotina dos profissionais de saúde durante a pandemia para tentar preservar seu corpo sem o coronavírus, tomo um café e vejo as notícias. O sono após o plantão de 24h nunca vem pela manhã, então normalmente planejo meu dia com atividades leves que permitam pausas para descanso.

Confesso que tenho evitado notícias relacionadas a situações que elevem meu nível de estresse.

Já são tantas as tensões no trabalho que gosto de pensar em minha casa como um oásis de paz e, se possível, punhadinhos de alegria. E ando medrosa, sofro de medo de ignorantes, homofóbicos, mentirosos, feminicidas, fanáticos religiosos e políticos enfim, sofro de medo de violência.

Violência materializada no símbolo da “arminha”, materializada na perda de direitos trabalhistas, nos constantes ataques ao SUS, aos jornalistas, na ausência do Estado quanto a um posicionamento no enfrentamento da pandemia, em insinuações sexuais indesejadas, destruição de florestas, agressões aos povos indígenas e muito mais coisas que meu cansaço e até mesmo vergonha alheia me dão asco de escrever. Tudo isso orquestrado pelo nosso atual presidente da república... Hoje não foi diferente.

Li que precisamos “deixar de ser um país de maricas” e enfrentar a pandemia “de peito aberto”.”

Fala do inominável ontem, o eleito para ocupar a cadeira presidencial. Me aborreci. Cansada, ou melhor, exausta, mas com sangue fervente percorrendo meu corpo, fico me perguntando o que ele quis dizer...

Início com “de peito aberto”. Do que ele está falando?

Para abriremos mais nosso peito frente à ausência de direcionamento do governo federal? Nós trabalhadores, principalmente os dos setores ditos essenciais, seria sairmos desnudos ou com as vestes cortadas na altura do tórax, mostrando os peitos? Acho que isso não deve ser, são moralistas, conservadores... Iríamos presos por desacato.

Então de que peito aberto ele nos fala?

Saímos de casa para o trabalho sob o risco constante da contaminação, sem EPIs adequados, lidando com pessoas que não acreditam na gravidade dessa doença e insistem em não usar máscaras e rechaçam o isolamento social, em transportes públicos...Tomamos todos os cuidados individualmente (máscaras, uso de álcool, higiene corporal etc.) já que não existe ainda uma vacina que nos proteja coletivamente - vacina que o inominável rechaça – e, não estamos enfrentando de peito aberto.

Não li uma notícia de trabalhadores que faltam ao serviço ou estão em greve acovardados pela pandemia.

Estamos todos enfrentando, de peito aberto, por que não há outra solução!! Não estamos fugindo aos nossos compromissos. Nem os trabalhadores formais, nem os servidores públicos, nem os autônomos, precarizados, nem os que fazem “bicos” para sobreviver...

Ninguém está fugindo. Os trabalhadores estão fazendo esse país funcionar. Seja em seus postos de trabalho em home-office ou dentro das empresas nos seus postos de trabalho, nas ruas. Então não sei de que “peito aberto” esse ser fala... Abra ele o peito. Tire a gravata e passe um dia com o pessoal que recolhe lixo das ruas e residências.

Passe um dia com enxada e pá nas mãos com os sepultadores nos cemitérios. Ou talvez um dia dentro de um hospital do Amapá que padece sem fornecimento de energia elétrica por dias...

Falemos da outra palavra usada ontem: maricas.

Fui buscar o significado disso. Encontrei em um dos dicionários on-line a seguinte definição:

“[Pejorativo] Que tem comportamentos tidos como femininos; efeminado. Que é homossexual; gay. Repleto de covardia e medo; covarde.”

Começo a relaxar... o que ele falou não nos ofende... Claro! Vou explicar... Mulheres são mesmo efeminadas e se não o são, é uma escolha. Mas isso não nos ofende. Historicamente agredidas pelo universo machista, não há qualquer pecado em sentirmos medo.

Aliás, sempre foi nessa condição inferiorizada que nos colocaram. A mulher nasce com o dom da valentia.

Homens, de qualquer opção sexual, sem necessariamente serem defensores de direitos humanos, mas com alguma lucidez quanto à liberdade sexual, reconhecem os inúmeros “gays” talentosos, criativos, trabalhadores, pacificadores, conquistadores e tudo mais de bom que é inerente ao ser humano. E vamos combinar, quem ama pessoas, ama pessoas. De qualquer opção sexual, além disso, todos temos amigos, familiares, colegas de trabalho etc. de opção sexual diferente da nossa e nem por isso deixamos de amá-las.

Esse discurso de “covarde” também não cabe em nosso povo. Estão infringindo um discurso agressor para acovardar nosso povo. E isso é diferente.

Covarde é quem se utiliza de violência para convencer e mandar. É quem assedia. É quem inflama o discurso de ódio. É quem envenena as relações e cria conflitos para, nas brechas dos desentendimentos da população, agir sorrateiramente na produção de maldades contra os trabalhadores. Isso é covardia. Em nome de todos os efeminados, acovardados, gays, assediados, miseráveis e tudo mais que este ser abomina...

Eu anuncio #eusoumaricas!

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.